

Lopes, or a trace of the homosexual culture as designed by Foucault. In special the gestures of Hockney and Michals gave a visibility not only real but metaphorical once they transformed words, verses, subjects into draws and photographs, promoting an enlargement of the frontiers of cavafian poetry, and in consequence an amplification of the spaces for recognition and again visibility, which the poetry of Cavafy occupies as a relevant name in the recovered history of a homosexual culture.

NOTAS

¹ FOUCAULT, Michel. De l'amitié comme mode de vie (Friendship as a way of life). In: — (1994), p.163-167.

² Idem, 164.

³ Idem, p.165

⁴ Idem, p. 167.

⁵ Cf. ORTEGA, Francisco (1999), p.153.

⁶ Idem, p.167.

⁷ Cf. BIEN, Peter (1990), p.198.

⁸ Cf. SEDGWICK, Eve Kosofsky (1992).

⁹ LOPES, Denilson (2002), p. 37-8.

¹⁰ HOCKNEY, David (1976), p.63.

¹¹ Idem, p. 63.

¹² MICHALS, Duane (1978), p. 7.

¹³ Idem, p.5.

¹⁴ Cf. LOPES, Denilson (2002), *loci cit.*

¹⁵ Cf. Foucault, Michel (1994), p.244.

¹⁶ Id. *ibid.*, p.244.

¹⁷ Idem, p. 248-9. Nossa tradução.

¹⁸ FOUCAULT, Michel (1994a), p.248.

MARCAS DO LATIM MEDIEVAL NA PEREGRINATIO AETHERIAE – ALGUNS COMENTÁRIOS

Em homenagem a Rosalvo do Valle

Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ/ABRAFIL/FL/PPGHC)

RESUMO:

A *Peregrinatio Aetheriae ad loca sancta* constitui-se em um dos mais importantes documentos literários do assim denominado Latim Vulgar na Baixa Latinidade. Através da análise do vocabulário da monja Egéria é possível uma apreensão de várias vertentes da língua latina, que moldaram o texto da religiosa. Rosalvo do Valle debruçou-se sobre características desse tecido lingüístico em sua obra *Considerações sobre a Peregrinatio Aetheriae* (1975). Este artigo, porém, tenciona apresentar, de forma extramente sucinta, marcas lingüísticas por nós encontradas, que mais tarde serão de uso constante no chamado Latim Medieval. **Palavras-chaves:** Latim Medieval – *Peregrinatio Aetheriae* – Alta Idade Média

I. Por uma tentativa de conceituação do latim medieval¹

Como bem afirma Maria do Horto Soares Motta (1982:23), “não há unanimidade entre os autores quanto a classificar o latim da Idade Média como uma língua morta ou como uma língua viva, do que resulta uma grande variedade de conceituações.”

A dificuldade, pois, para se precisar o conceito de latim medieval é o ponto de partida para a discussão sobre seus traços fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos específicos. Uma gama de variadas opiniões de estudiosos, recolhidas por Christine Mohrmann em seu célebre artigo *Le dualisme de la latinité médiévale* nos dá uma idéia dos problemas para a delimitação do latim medieval².

A partir do século IV d.C. ter-se-ia desenvolvido na Europa um *sermo latinus*, de capital importância na história lingüística europeia, cognominado de latim medieval. Ludwig Traube o considera uma língua morta, embora apresentasse ainda possíveis modificações. Para Karl Vössler seria uma forma intermediária entre uma língua viva (latim vulgar) e uma língua morta (latim clássico). P. Lehmann entende o latim medieval como uma língua viva, mas limitada por certas conjunturas.

Karl Strecker era de opinião que o latim medieval seria uma continuação normal do latim clássico, utilizado como meio de expressão pelos escrivães da Baixa Latinidade. M. E. Löfstedt pensa, porém, ser o latim medieval uma língua viva em curso normal e orgânico durante a Idade Média.

O caráter de língua viva também é acentuado por Dag Norberg. Em seu *Manuel pratique de latin médiéval*, o estudioso assim define o latim da Idade Média:

O latim da Idade Média é a continuação do latim escolar e literário do baixo-império. A transformação se fez muito lentamente para compreender este desenvolvimento, deve-se partir da situação lingüística antes da queda do império. (1968, p. 14)

Franz Blatt considera toda a latinidade, e com isso, o latim medieval uma só unidade, chegando à conclusão de que latim tardio e latim medieval formam um *continuum*. M. Bieler vê no latim medieval uma *Ideengemeinschaft* (comunidade de idéias), uma língua sem nacionalidade, sem povo, não sendo, portanto, mundial, porém sendo utilizada como língua auxiliar internacional durante o período medieval. Para Richard Meister, o latim medieval seria uma língua de tradição, *Traditionssprache*, preponderantemente falada, que evoluiu graças aos impulsos espontâneos dos falantes. Christine Mohrmann assim resume o pensamento de Meister:

Não é uma língua viva no sentido estrito da palavra, mas ela apresenta certos traços característicos que a aproximam das línguas vivas, a saber: evolução sintática, neologismos, empréstimos etc. (1955, p.39)

A autora, porém, situa a base do latim medieval no binômio oralidade X literariedade, como bem resume Maria do Horto Soares Motta (1982:26):

Esse latim apresenta traços que o aproximam de uma língua viva, mas as modificações sofridas não se devem somente à oralidade. Uma grande parte da evolução advém muito mais da literatura, da língua escrita, do que de um uso oral.

Podemos questionar sobre a existência de um “latim literário medieval”, como aventada por F. di Capua, mas a idéia do latim medieval como sendo uma *Kunstsprache* (língua artificial) permite-nos uma clareza maior de definição.

Segundo Maria do Horto Soares Motta, o conceito de *Kunstsprache* abarcaria

não as línguas fundadas sobre uma comunidade étnica, mas baseadas na tradição de uma coletividade ligada pela força unificadora de uma idéia, de uma tradição de caráter literário ou religioso, inspirada por fatos de ordem cultural em geral.(1982:27)

Em nosso caso, a unidade medieval do latim foi obtida através dos membros intelectuais, oriundos, a princípio, do seio eclesiástico. Continuando com Maria do Horto Soares Motta:

O agente da latinidade medieval foi a comunidade intelectual, que, suprimindo fronteiras de povos e nações, constituiu uma unidade: a *respublica clericorum* (tomado o termo *clericus* no sentido amplo em que era usado na Idade Média: os *clerici* ou *litterati* eram os “letrados”). E essa força unificadora era sustentada não só pela afinidade religiosa como também pela firme convicção de ser essa coletividade a herdeira e a guardiã da tradição clássica.(1982:27)

O latim, portanto, era a língua de cultura, língua de transmissão dos ensinamentos ministrados aos alunos nas escolas seculares e nas universidades, do estudo e explicação das Sagradas Escrituras, das discussões diplomáticas, dos encontros entre intelectuais.³ Enfim, a língua do Lácio fornecia os subsídios necessários para um maior desenvolvimento da cultura medieval, sendo, com isso, uma marca de sua autonomia.

O sagrado e o profano, frutos da tradição escrita e oral, confluem no tecido lingüístico deste latim. Assim sendo, a partir da consideração das várias propostas de conceituação, julgamos oportuno propor nossa definição de latim medieval como a modalidade lingüística portadora da cultura cristã e greco-latina, que se desenvolveu a partir do chamado latim vulgar, assimilando, contudo, no ambiente cultural da vida eclesiástica, as lições dos mestres da Antigüidade Clássica. Essa fusão no ápice do medievo no tocante às letras – século XII – se refletiria na profusão de gêneros literários na língua do Lácio, como os *exempla*, os fabulários, os provérbios, bestiários, romances épicos e poemas de variada ordem, todos veiculadores, em maior ou menor grau, de normas e valores éticos e comportamentais.

Para analisarmos, portanto, os textos medievais, valem as palavras de Maria do Horto Soares Motta (1982: p.30)

não se há de recorrer nem às normas do latim clássico, nem aos padrões do latim cristão, mas tomar como base o próprio latim medieval, onde se encontrarão elementos clássicos ao lado de outros especificamente cristãos, além de muitos neologismos medievais e de elementos devidos à influência das línguas nacionais, todos eles fundidos e integrados em um grande painel, formando uma nova unidade: o latim medieval.

Não é necessário ressaltarmos, contudo, a mobilidade de uma língua, que a cada geração, adquire novas feições. Entretanto, as modificações lingüísticas espelham as mudanças sociais da respectiva época. Não a uniformidade, mas a polaridade e a vitalidade do universo expressivo do latim tornam a diferenciação lingüística na Idade Média co-participante de sua própria história, em um sentido

mais específico, da formação da própria sociedade medieval. Mais ainda, os testemunhos escritos legitimam o processo de apropriação de formas e condições de vida que caracterizam a transformação de uma sociedade, em princípio com uma tradição cultural oral, em uma sociedade, onde a escrita assume um papel de guardiã e transmissora desse mesmo legado.

No tocante às particularidades do latim medieval, é necessário que algumas considerações sejam feitas. Em primeiro lugar é indispensável atentarmos para as fontes da constituição desse latim, ou seja, a nosso ver, a tradição cultural latina, o ideário cristão e sua expressão escrita (latim cristão) e a contribuição dos bárbaros. Concordamos com Maria do Horto Soares Motta (1982:32), ao afirmar, que

... essas três forças, a conservadora (dos romanos), a desagregadora (dos bárbaros) e a propriamente revolucionária (dos cristãos), representadas, no que diz respeito à língua, pelo latim, pelo superestrato germano (bárbaro) e pelo latim cristão, vão entrar na constituição do latim medieval.

Este latim medieval apresenta características próprias, embora muitas delas constituam tendências já observadas desde o *sermo vulgaris*, as quais não podem ser reduzidas a meras considerações de ordem fonética, morfológica, sintática, lexical e semântica. Limitar-nos-emos, contudo, para efeitos deste trabalho, a alguns tópicos de ordem lingüística do latim medieval que podem ser comumente identificados⁴:

A) Fonética

a) redução na escrita dos ditongos æ e oe.

Ex.: edes por ædes (casa, igreja); femine por feminæ (mulher); fedus por foedus (impuro, sujo);

b) supressão do -h- medial em palavras como nihil por debilidade fonética.

Ex.: “Nil valet in bellis vir inermis, et absque libellis

Clericus est mutus, licet ingenio sit acutus.”

(De nada vale um homem desarmado na guerra e um

Clérigo sem livros é mudo, embora seja arguto no talento);

c) rimas

Ex.: “Mus salit in stratum, dum scit abesse catum.”

(O rato salta para a cama, quando sabe que o gato está ausente);

d) redução de consoantes geminadas

Ex.: catus por cattus (gato);

B) Morfologia

a) predileção por diminutivos. Dag Norberg cita:

“Munda cultellum, morsellum quere tenellum,
Sed per cancellum, post supra pone platellum.”;
(Limpa a faquinha, procura um pedaço bem maciozinho,
Mas com o garfinho, coloca-o depois no teu pratinho.)⁵

b) utilização do prefixo verbal para criação de efeito sonoro. Gautier de Châtillon, citado por Norberg (1968:73), criou os seguintes verbos denominativos: de rosa derosatur (desfolhar), forma passiva do neologismo derosare, de mundus demundatur (sujar), forma passiva do neologismo demundare, de masculus demasculare (castrar), de fedus,-eris defedare (infetar), enquanto em alguns *carmina* encontram-se titulum detitulare (desvalorizar) e virginem devirginare (desvirginar).

c) emprego do nome de pessoas (normalmente personagens mítico-históricas) para simbolizar determinada característica, qualidade ou defeito humano, como ocorre nas formas verbais abaixo:⁶

Ex.: helenare (de Helena, embelezar), tiresiare (de Tirésias, vaticinar), absalonizare (de Absalon, ser ativo como Absalão), neronizare (de Nero, portar-se como, estar furioso), venerizare (de Venus, amar como Vênus), satanizare (de Satanás), etc.;

d) construção de verbos denominativos com os sufixos -are ou -izare.

Ex.: presbiterare (tornar-se, ser padre), pontificare (pontificar, exercer ofício de bispo, ordenar um sacerdote), musare (apanhar ratos), gulare (empanturrar), cervisiare (tomar cerveja), podagrare (sofrer de gota), silabizare (ensinar alguém a ler), stultizare (agir irracionalmente), puerizare (infantilizar), etc...;

e) decadência do gênero neutro (já observada no Latim Vulgar)

Ex.: balneum, fatum, vasum, vinum passam a masculinos, balneus (banho), fatus (destino), vasus (vaso), vinus (vinho);
plurais neutros coletivos como folia, ligna e bracchia passam a femininos, folha, linha e braço;

f) passagem de substantivos das 1ª e 2ª declinações para a 3ª e vice-versa.

Ex.: soceris em vez de socer (sogro); alacri por álacres (alegre), ignaves por ignavi (ignavos, inertes); colubri por colubre (colubrae, cobras);

g) redução dos casos - vocativo praticamente igualado ao nominativo, dativo

substituído pela preposição ad + acusativo, ablativo expresso por sintagmas preposicionais e o genitivo substituído pelas preposições de, ex e ab + ablativo;

h) substantivos da 3ª declinação apresentam troca entre -is e -es no nominativo singular – sedis (assento), cives (cidadão) e entre -e e -i no ablativo singular – altare (altar), regi (rei), veteri (velho);

i) passagem de verbos para conjugações diferentes:

Ex.: da 3ª para a 1ª – adiciari (obrigar), amplectari (abraçar);

da 1ª para a 4ª – commendire (ordenar, dispor), lanire (dilacerar);

j) construções perifrásticas com sum e fui. Ex.: sortitus fuerat (fora solto).

C) Sintaxe

a) uso das conjunções quoniam (pois), quia (porque) e quod (que) para substituir uma oração com acusativo sujeito de infinitivo (MOTTA, 1982:61).

D) Léxico e Semântica

a) palavras clássicas com novo significado:

breve, -is - carta, documento; (cf. o alemão *Brief*, “carta”)

campus - campo de batalha, luta; (cf. o alemão *Kampf*, “luta”)

consul - conselheiro;

convertere - ir para o convento, tornar-se religioso(a), converter-se à fé cristã;

corpus - hóstia;

exemplare - copiar, transcrever;

facultas - direito, faculdade (no sentido abstrato e concreto);

feria - dia de semana; (cf. segunda-feira em português)

fides - “fé” e não “lealdade”;

gentes - “pagão” e não “estrangeiro”;

homo - subordinado, serviçal;

orare - “rezar” e não “pedir solenemente”;

peccare - “pecar” e não “errar”;

spiritus - “espírito” e não “sopro”;

virtus - “virtude” e não “valor”.

b) designativos de posição social:

comes - conde;

dux - duque;

miles - cavaleiro;

sophista - sábio;

apothecarius - merceeiro, quitandeiro;

armarius - bibliotecário, arquivista;

mercator, negociator - mercador, negociante.

c) empréstimos ao grego, normalmente associados à terminologia do cristianismo:⁷

anathema, angelus, apostata, apostolus, baptisma ou baptismus, catholicus, catechumenus, diaconus, ecclesia, episcopus, martyr, praesbyter, etc.;

d) neologismos:

artista - representante de uma das sete artes liberais;

bannus - funcionário responsável por uma jurisdição;

decretista - jurista canônico;

emenda - penitência, multa;

ganga - saída, partida; (cf. com o alemão *Ausgang*, “saída”)

legista - jurista não eclesiástico;

palpanista - adulator;

babellare - balbuciar com raiva;

metrificare - compor em versos métricos;

semare - mutilar;

siniugare - melhorar, aplinar, polir.

Dentro do vocabulário medieval por nós citado, metrificare é um termo que se prende a uma nova concepção do fazer poético, que terá no aparecimento da rima uma de suas marcas por excelência.

A partir do sucintamente exposto acima, passamos agora a verificar, de forma concisa, algumas dessas marcas do latim medieval, que já se encontram no texto de Egéria.

II. O latim medieval na *Peregrinatio* – palavras introdutórias

Rosalvo do Valle (1975, p.23) salienta que a monja “*nos legou uma preciosa fonte de informações lingüísticas, históricas e litúrgicas*”. Tratando do primeiro ponto, os dados lingüísticos, aponta o estudioso fluminense para o fato de que o relato de Egéria contém vários latins (1975, p. 30), incidindo aqui nossas palavras.

A modalidade de latim que serviu de base à redação da *Peregrinatio* é muito bem discutida pelo latinista brasileiro, ao arrolar, pelo menos, três elementos

que formam o tecido egeriano: o **sermo classicus**, o **sermo quotidianus** e o **sermo ecclesiasticus**. Este verdadeiro tecido lingüístico nos fornece um rico e vivo painel das mudanças no mundo clássico tardio, que iria em breve desembocar nos albos da Idade Média e se expressar majoritariamente no mundo ocidental através do latim medieval.

Dag Norberg, Karl Langosch, Christine Mohrmann, Albert Blaise, Jozef Schringen e Karl Strecker, dentre outros, como previamente apresentamos, já se debruçaram sobre a conceituação de latim medieval e o que nos chama a atenção é o fato de que as variações de latim acima elencadas por Rosalvo do Valle em sua primorosa análise do texto da monja galega configuram a pluralidade lingüística do latim medieval. Strecker (1975, p. 34) observa que “o latim tardio deve ser especialmente estudado, no caso de se desejar aprender latim medieval”. Portanto, Egéria, em um documento que atesta usos lingüísticos do latim expressos em um vocabulário, do qual surgirá em muitos casos formas correntes nas atuais línguas românicas, pode também ser considerada uma precursora do **sermo latinus medievalis**.

No caso da obra da citada monja, alguns aspectos elencados pelo mestre Rosalvo podem ser arrolados por nós, de forma estritamente sucinta, para mostrar um certo *continuum* com relação às transformações diacrônicas no latim:

II.1 Na Fonética

1. O –h- inicial e medial (ultracorreção e perda) – *habitatio* (habitação), *hornavit* (adornou);
2. As formas *nichil* (nada), *michi* (mim) podem ter influência germânica;
3. Os ditongos –*ae-*, –*oe* – redução para –*e-*: *ecclesie* (igreja), *edificauerunt* (construíram), *estimare* (estimar);

II.2 Na Morfologia

1. Superlativo em –*issimus*, –*rimus* e –*limus*: *altissimus*, *pulcherrimus*;
2. Passagem de verbos para outras conjugações (2ª, 3ª, 4ª)⁸;
3. Uso constante de construções perifrásticas:
 - 3.1 Com infinitivo: *scire debui* (devia saber), *noluit permitttere* (não quis permitir), etc.;

III.3 Na Sintaxe

1. Diferenciação nos Pronomes demonstrativos não tão rígida: *ille*, *ipse*, *his*, *iste*;
2. Orações consecutivas e finais com *quo*, *quod*, *quiam*, *quoniam* (**apud** LANGOSCH, 1975, p.57);

III. Palavras finais

A *Peregrinatio aetherae ad loca sancta* é um texto basilar para o estudo do que se convencionou chamar “latim vulgar”. Entretanto, como eruditamente demonstrado no trabalho do mestre Rosalvo do Valle, as várias camadas lingüísticas que se sobrepõem dentro da escrita egeriana permitem aos estudiosos divisarem a formação intelectual e as tendências histórico-lingüísticas da Baixa Latindade. Portanto, a viagem daquela religiosa, realizada não apenas à Terra Santa e adjacências, leva-nos através das palavras do latinista brasileiro também a um mundo em processo de renovação, em que o antigo e o coevo se fundiriam perenemente naquela época que denominamos Idade Média!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUERBACH, Erich. *Lenguaje literario y publico en la baja latinidad y en la Edad Media*. Traducción de Luiz Lópes Molina. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1969.
- AURELI, Alessandro. *Letteratura cristiano-latina nel medioevo*. Milano: F. Vallardi, 1945.
- BISCHOFF, B. *et alii*. *Carmina Burana*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1979.
- BLAISE, Albert. *Manuel de latin chrétien*. Strasbourg: Le Latin Chrétien, 1955.
- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. “A paremiologia em latim medieval: estudos”. In: MALEVAL, Maria do Amparo. *Atualizações da Idade Média*. Rio de Janeiro: Agora da Ilha, 2000. p. 51-108.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e idade média latina*. Tradução de Teodoro Cabral. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.
- DU CANGE, Charles du Fresne. *Glossarium mediae et infimae latinitatis*. Paris: Libr. des Sciences et des Arts, 1937.
- HÉLIN, Maurice. *La littérature latine au Moyen Age*. Paris: PUF, 1972. [Que sais-je?, v. 1043].
- GOURMONT, Remy de. *Le latin mystique*. Paris: Mercure de France, 1930.
- HABEL, Edwin & GRÖBEL, Friedrich. *Mittelateinisches Glossar*. 2. Aufl.. Paderborn; München; Wien; Zürich: Schöningh, 1989.
- KLOPSCH, Paul. *Einführung in die mittelalterliche Verslehre*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1972.
- LANGOSCH, Karl. *Lateinisches Mittelalter*. Einleitung in Sprache und Literatur. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1988.
- MANITIUS, Max. *Geschichte der lateinischen Literatur des Mittelalters*. München: C. H. Beck'sche, 1939.
- MOHRMANN, Christine. *Latin vulgaire, latin des crétiens, latin medieval*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1955.
- MOTTA, Maria do Horto Soares. *Karolus Magnus et Leo Papa*. Estudo de um epos medieval. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1982. Tese de Doutorado em Letras na Área de Língua e Literatura Latina.
- NORBERG, Dag. *Introduction a l'étude de la versification latine médiévale*. Uppsala: Almqvist & Wiksell, 1958.
- _____. *Manuel pratique de latin médiéval*. Paris: A & J. Picard & Cie, 1968.
- _____. *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des frühen*

- Mittelateins*. Uppsala, Leipzig: A. B. Lundequitska, O. Harassowitz, 1943.
- SAINIS, Matti A. *Semasiologische Untersuchungen über die Entstehung der christlichen Latinität*. Helsinki: Sumolainen Teideakatemia, 1940.
- SCHRINGEN, Jozef. *Charakteristik des altchristlichen Lateins*. Nijmegen: Dekker & van de Vegt, 1932.
- STRECKER, Karl. *Introduction to medieval latin*. Berlin: Wiedmannsche Verlagsbuchhandlung, 1957.
- VALLE, Rosalvo do. *Considerações sobre a Peregrinatio Aetheriae*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1975.

NOTAS

- ¹ - A parte inicial deste artigo está publicada, com algumas alterações, na obra *Atualizações da Idade Média*. Cf. as Referências Bibliográficas indexadas ao fim deste trabalho.
- ² - Cf. MOHRMANN, C. (1955: 37-54). Todas as opiniões, a seguir, dos estudiosos sobre o conceito de latim medieval foram retirados da obra acima mencionada, p. 37-40.
- ³ - Contudo, é imprescindível que tenhamos em mente as diversas épocas dentro do medievo, em que o latim foi utilizado. Apesar de nossa conceituação generalizante, estamos cientes de que à época do texto egeriano, século V, ainda nos situamos entre a Antiguidade Tardia, com uma expressão lingüística que podemos denominar “latim tardio”, e a Alta Idade Média, cujo marco cronológico e lingüístico para nosso entendimento do latim medieval é o ano de 476. A afirmação desta nota prende-se à língua latina utilizada no medievo principalmente a partir do século X.
- ⁴ - As informações aqui coligidas provêm de NORBERG (1968: 72 e ss.), LANGOSCH (1988: 53-60) e MOTTA (1982: 37-61).
- ⁵ - Correntemente dir-se-ia em português “Limpa a faca, procura um pedaço bem macio / Mas com o garfo, coloca-o depois no teu prato.”
- ⁶ - Este fenômeno também está presente na *Peregrinatio*. Cf. VALLE, (2005, p.97-98)
- ⁷ - Devido à semelhança de formas com o português atual, mantivemos no original os vocábulos listados neste item.
- ⁸ - Cf. item e), p.7 deste artigo.

A TRADIÇÃO CLÁSSICA COMO TOTEM IDENTITÁRIO OCIDENTAL

Prof. Me. Luiz Fernando Dias Pita (PG-UFRJ/ FFSD/ UERJ)

RESUMO:

O *Diccionario didáctico Latín-Español/Español-Latín* organizado por Concepción Maldonado traz uma seção destinada a explicar diversos aspectos culturais da Antiguidade: é neste momento que uma das ilustrações se apresenta como representação ideal e sintomática para o tema deste trabalho: dois homens, - de pé e trajados à grega e à romana - dirigem-se diretamente ao leitor e fazem, em unísono, a declaração:

Una civilización no es sólo dinero y poder. Los griegos fuimos sagaces hombres de negocios. Los romanos construimos un vasto imperio... Pero si no hubiéramos hecho más que eso, estaríamos ahora tan muertos como los asirios. Si todavía vivimos a través de vosotros es porque nos dimos cuenta de que la *civilización* significa *educación*, la vida del espíritu. (MALDONADO: 2002: 741)

PALAVRAS-CHAVE: educação; helenização; Grécia e Roma.

Tal afirmação de nosso resumo explicita dois pontos *sine quibus non* da concepção que o Ocidente tem de si e que tomaremos como axiomas: a fala das alegorias da *charge* associa os conceitos de *civilização* e de *educação*; propondo ser aquele um derivado deste.

Na *charge* também se reivindica a condição de ser a civilização ocidental herdeira da greco-latina. Condição reafirmada nos textos presentes na mesma página: a ilustração de uma folha de caderno em que se lê: “Griegos y romanos llamaban *bárbaros* a los que hablaban una lengua extraña y no participaban de su civilización. Nuestras lenguas románicas proceden del latín y nuestros términos científicos proceden del griego”. Sem concessões, a página ainda traz em destaque o célebre verso horaciano “*Graecia capta ferum uictorem cepit.*” que tem sido usado historicamente para celebrar a permanência da cultura grega e o fato de ser esta a base da cultura ocidental.

Se já não bastassem os dois postulados acima, a leitura das páginas iniciais da *Histoire de France*, de Jacques Bainville não só traz a mesma reivindicação como vai além; fazendo da herança greco-latina a chave da superioridade de sua civilização:

A qui devons-nous notre civilisation? A qui devons-nous d'être ce que nous sommes? A la conquête des Romains. (...) A cette conquête, nous devons presque tout. Elle fut rude: César avait été cruel, impitoyable. La civilisation a été imposée à nos ancêtres par le fer et par le feu et elle a été payée par beaucoup de sang. Elle nous a été apportée